

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA | NA COMPANHIA DE WILLIAM GREAVES
18 e 28 de outubro de 2025

Space for Women / 1981

Um filme de WILLIAM GREAVES

Realização, argumento: William Greaves / *Montagem:* Bruce Stanford / *Som:* Jane Landis / *Narração:* Ricardo Montalban / *Com:* Anna Lee Fisher, Patricia Cowings, Shirley Chevalier, Sue Norman, Sharon Orkansky, Brenda Willis, Catherine Sullivan, Rodriguez, Angelita Castro Kelly.

Produção: William Greaves / *Cópia:* DCP, colorida, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 32 minutos / *Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.*

Black Power in America: Myth... or Reality / 1986

Um filme de WILLIAM GREAVES

Realização, argumento, montagem: William Greaves / *Som:* David Greaves, Gary Winter / *Com:* Franklin Thomas, June Jackson Christmas, Clifton Wharton, Charles Hamilton, Richard Hatcher, Eleanor Holmes Norton, Lerone Bennett Jr, Jesse Jackson, Flo Kennedy, Barbara Skinner, entre outros.

Produção: William Greaves, Louise Archambault, David Greaves, Jimmy Macdonald / *Cópia:* DCP, colorida, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 58 minutos / *Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.*

Nesta sessão do ciclo «A Cinemateca com o Doclisboa | Na Companhia de William Greaves» é apresentado o programa «Poder e Liderança I» onde se tecem considerações, algumas de forma clara e outras de forma implícita, sobre questões em torno da natureza do poder e do que é estar num lugar de influência. Os dois filmes existem num contexto em que a sociedade americana patriarcal, branca e masculina começa a permitir o acesso a determinadas esferas a pessoas (sejam elas do género feminino ou negras) que historicamente não o teriam. São projetos que perguntam o que significa obter uma posição de poder e se é possível, através da consolidação desse lugar, abrir a porta a outros. Estes dois documentários de Greaves colocam na tela uma sugestão (simples na teoria, idealista na prática): a genuína união da sociedade como única resposta possível aos males, tabus e constrições que a afligem. Este programa está em diálogo direto com «Poder e Liderança II», composto por **Still a Brother: Inside the Negro Middle Class** e exibido nos dias 18 e 25 de outubro, um filme que lida com a questão da alienação do indivíduo da sua comunidade assim que atinge o tipo de sucesso que lhe permite ascensão social.

Space for Women

O título do documentário funciona de duas maneiras, pois a ideia de *espaço* remete tanto para o *espaço sideral* e a sua exploração, como para a ideia de *haver* (ou criar) *espaço* para mulheres na

força laboral da NASA (National Aeronautics and Space Administration). Sendo uma encomenda da própria instituição, o filme tem como objetivo informar e educar o cidadão comum sobre a emergência do papel das mulheres nos vários sectores e programas da NASA. Esta veia do documentário em modo *freelance*, televisivo ou de alguma forma didático é uma das facetas do trabalho de William Greaves, que via o ato de fazer cinema como algo inevitavelmente político. O filme é construído com uma estrutura clássica, usando o formato de *talking heads* para apresentar ao público várias mulheres que trabalham em diferentes departamentos da instituição, desde engenheiras a analistas de imagem, passando por especialistas de segurança e, claro, astronautas. Para algumas a porta de entrada foi o meio académico, mas para outras foi uma formação no âmbito do secretariado e não necessariamente um doutoramento na área da engenharia aeroespacial.

O fio temático que une todos os testemunhos é a ideia, promovida pela narração de Ricardo Montalban, de que este é um momento na história da Humanidade em que esta se deve desembaraçar de tabus de género, de cor, de ideologia ou de religião, pois estes impedem o seu desenvolvimento intelectual e limitam o avançar do conhecimento humano. As mulheres perfiladas são questionadas sobre o percurso que as levou à NASA, mas Greaves pergunta diretamente se sentem dificuldades acrescidas porque são mulheres e o filme anima-se com as várias respostas, dado que muitas são as primeiras mulheres a fazer o que fazem ou foram as primeiras nos seus departamentos. A frase-chave vem na sequência de uma destas entrevistas, quando a investigadora Susan Norman comenta sobre a sua experiência que «you find yourself being a minority», mesmo quando as mulheres são metade da população. O que fica das várias conversas, salvo uma ideia clara de que são pessoas que vêm de todo o tipo de classes ou sectores sociais (sublinhando a tese do documentário, a ideia de oferecer oportunidades iguais a qualquer pessoa), é o brio profissional que as une. Mais do que figuras que se destacam por serem *as primeiras*, são pessoas que se revêm na oportunidade de terem trabalhos que contribuem para o ato de *fazer História*.

Black Power in America: Myth... or Reality?

Neste documentário, William Greaves faz mais do que contar a história das conquistas do movimento dos direitos civis dos anos 1960 nos Estados Unidos da América. Explora, claro, o modo como a comunidade afro-americana mudou devido a esse movimento, mas também analisa de forma direta a noção de «black power», o que significa e como se materializa no mundo. Entre entrevistas com *talking heads* e imagens de contexto ou de discursos, o filme foca-se na participação de «shakers and movers» negros de diferentes sectores da sociedade americana (do sector público ao privado, do meio académico ao ativista), como o diretor da Fundação Ford Franklin Thomas, a psiquiatra June Jackson Christmas, o reitor do sistema SUNY Clifton Wharton, o cientista político Charles Hamilton, o presidente da câmara (de Gary, Indiana) Richard Hatcher, a congressista de Columbia Eleanor Holmes Norton, o historiador Lerone Bennett Jr., o pastor e ativista político Jesse Jackson, a advogada Flo Kennedy ou a ativista Barbara Skinner – mas Greaves fala também com jovens afro-americanos sobre as suas experiências, nos seus bairros. A preocupação latente deste projeto é a possibilidade de a comunidade negra conseguir, de facto, *exercer* mudanças que se vejam refletidas na sociedade. Isto é algo que se vai espelhando nas conversas com os vários líderes ou pensadores que vai entrevistando, sendo que Greaves questiona a fundo se o poder que a classe média negra emergente obteve pode ser usado pela comunidade afro-americana de forma abrangente e não meramente como produto de um sucesso pessoal e individual. Em **Black Power in America**, Greaves explora também uma ideia que liga à «underclass» da comunidade afro-americana que, mesmo com o movimento dos direitos civis, «stayed behind», pois apesar de existirem figuras de proa em posições de poder que possam ajudar

a comunidade há sempre políticas que entrevam esses esforços. O realizador consegue, assim, expor os vários mecanismos da luta pelo poder nos Estados Unidos.

William Greaves identificou o facto de o sistema de educação e os media passarem uma imagem inadequada da comunidade afro-americana e de sentir essa experiência perturbante como a razão para passar para o outro lado da câmara: «I should not be in front of the camera, acting and playing various roles, and speaking lines of various authors. Why don't I get into the production area and tell the truth about people of color?». Este filme é exemplar na forma como o antigo ator e bailarino se tornou uma figura com preocupações de formação e divulgação de temas que viu como necessitados de análise e de candura. Aqui, as *talking heads* de Greaves são, em certos momentos, menos *entrevistadas* e mais *interpeladas*, confrontadas com a realidade das suas posições enquanto figuras de liderança e de «poder». A técnica do *zoom* é usada com efeito contundente quando aquelas concedem que o poder que possuem funciona afinal através de movimentos de influência, de sugestão. Revelam-se, em suma, lugares de poder com dificuldades em efetuar ou promover genuína mudança. **Black Power in America** já foi reconhecido como filme que funciona como uma cápsula do tempo por estar tão diretamente enraizado nas mudanças que ocorreram como resultado direto dos movimentos sociais dos anos 1960 e 1970, mas, ao mesmo tempo, antecipa as décadas seguintes de evolução (e regressão) social.

Ana Cabral Martins